

HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: SUAS FUNCIONALIDADES EM PESQUISA, FORMAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS¹

■ MARIE-CHRISTINE JOSSO

<https://orcid.org/0000-0002-3925-9146>

Universidade de Genebra

RESUMO

Este texto apresenta uma tentativa de delimitar os contornos atuais e as possíveis aberturas do uso da (auto)biografia nos campos da educação, formação, saúde, social, recursos humanos em empresas, seja quais forem as formas metodológicas e as maneiras de dar a ver (as artes incluídas) que serão proporcionadas por pesquisadores, autores, professores e formadores. As funções construídas referem-se às premissas de uma epistemologia meta-disciplinar do sujeito de cognição que ainda precisa ser construído pelas novas gerações.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Epistemologia meta-disciplinar. Sujeito de conhecimento.

RÉSUMÉ

LES RÉCITS DE VIE ET DE FORMATION: LEURS FONCTIONNALITÉS EN RECHERCHES, FORMATIONS ET PRATIQUES SOCIALES

Ce texte présente une tentative de délimiter les contours actuels et les ouvertures possibles de l'usage des (auto)biographie dans les champs de l'éducation, la formation, la santé, le social, les ressources humains en entreprises et cela quelque soient les formes méthodologiques et les façons de donner à voir (les arts inclus) qui seront données par les chercheurs, les auteurs, les professeurs et les formateurs. Les fonctions construites appartiennent aux prémisses d'une épistémologie méta-disciplinaire du sujet connaissant qui reste à construire par les nouvelles générations.

Mots-clés: (Auto)biographie. Épistémologie méta-disciplinaire. Sujet connaissant.

¹ Tradução: Maria Helena Menna Barreto Abrahão – UFPel.

ABSTRACT **LIFE STORIES AND TRAINING: ITS FUNCTIONALITIES IN RESEARCH, TRAINING AND SOCIAL PRACTICES**

This text presents an attempt to delimit the current contours and the possible openings of the use of (auto) biography in the fields of education, training, health, social, human resources in companies and whatever the methodological forms and ways of giving to see (the arts included) that will be provided by researchers, authors, teachers and trainers. The constructed functions refer to the premises of a meta-disciplinary epistemology of the knowing subject that still needs to be built by the new generations.

Keywords: (Auto)biography. Meta-disciplinary epistemology. Knowing subject.

RESUMEN **HISTORIAS DE VIDA Y FORMACIÓN: SUS FUNCIONALIDADES EN INVESTIGACIÓN, FORMACIÓN Y PRÁCTICAS SOCIALES**

Este texto presenta un intento de delimitar los contornos actuales y las posibles aperturas del uso de (auto)biografía en los campos de educación, formación, salud, social, recursos humanos en las empresas y que, independientemente de las formas metodológicas y formas de dar para ver (las artes incluidas) que serán proporcionadas por investigadores, autores, profesores y formadores. Las funciones construidas se refieren a las premisas de una epistemología meta-disciplinaria del sujeto conocedor que todavía necesitan construir las nuevas generaciones.

Palabras clave: (Auto) biografía. Epistemología metadisciplinaria. Sujeto de conocimiento.

Este texto propõe uma reflexão mais aprofundada, já esboçada por escrito em junho passado, para entender-se o que caracteriza e une especialmente a extrema variedade de abordagens implementadas em todos os países e todas as atividades profissionais, a partir do rizoma original, focalizado pela ASIHVIF (Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação) nos anos 80 e 90, e que permitiu toda essa germinação nacional e internacional que conhecemos hoje. O paradigma biográfico em ciências humanas espalhou-se

gradualmente em nossas sociedades ocidentais, na América Latina, em especial no Brasil, com destaque para Abrahão (2018a; 2008b; 2014; 2004), Souza (2019; 2018; 2006; 2004), Cattani (2014; 2006; 2004), Passeggi (2014; 2008a; 2008b;), Sousa (2008), Vicentini; Gallego (2018), Peres; Assunção (2010), Sanches (2010)².

2 Apenas para citar alguns textos desses pesquisadores. A produção brasileira é de tal maneira rica que os leitores devem ir à procura das publicações dos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPAs e das publicações, em particular, das universidades do Rio grande do sul, de São Paulo, de Salvador, de Natal, da UFPel. As minhas referências servem

Tive o prazer de ser uma dentre os fundadores e fundadoras deste rizoma francês e contribuir desde o início com pesquisas e práticas em universidades e vários locais profissionais com elaborações teóricas desde os primeiros simpósios. Agradeço, entre outros, à editora L'Harmattan, por meio da qual nossa pesquisa começou a ser publicada e conhecida (2019; 2017; 2016; 2014; 2012; 2011a; 2011b; 2010a; 2010b; 2010c; 2009a; 2009b; 2008a; 2008b; 2008c; 2007; 2006). Em retrospectiva, posso afirmar que estou muito feliz com a recepção recebida por minha contribuição pessoal na forma de livros e artigos de revistas, em vários idiomas (português, espanhol, inglês, francês, italiano), entre os quais, as publicações brasileiras ocupam um lugar especial³. Agradeço, outrossim, o convite para continuar compartilhando meus pensamentos sobre o eixo central da minha pesquisa acadêmica: a contribuição das narrativas biográficas para a compreensão dos processos de formação, conhecimento e aprendizado. Os pioneiros e pioneiras continuam participando da evolução das práticas sociais de pesquisa, apoiando as novas gerações e suas perspectivas inevitavelmente inovadoras, provocadas pelas mudanças mais evidentes e cada vez mais rápidas que marcam profundamente a história de nossa humanidade, nas duas últimas décadas.

O recente congresso realizado neste ano na Polônia sobre “A vitalidade das abordagens

também para dar acesso às Editoras e outros autores. Peço desculpas por não poder mencionar todos os numerosos nomes prestigiosos e muito empenhados do nosso campo dentre uma rede de pesquisadores na medida do território brasileiro. Muitas vezes recebo pedidos de apoio de estudantes de doutorado ou professores de muitas universidades que eu não conhecia! Vale a pena falar sobre a vitalidade das (auto) biografias no Brasil.

- 3 Optei por apresentar meus artigos ou capítulos de livros publicados em português para que os leitores de português e espanhol possam ter acesso às edições brasileiras que poderão obter com facilidade. Em todas as edições do CIPA, eles encontrarão uma infinidade de textos úteis para seus trabalhos de pesquisa (veja algumas das minhas referências).

(auto) biográficas (SLOWIK, 2019)”⁴, é um testemunho impressionante de onde ocorrerá, nos próximos meses, vários volumes publicados em diferentes formas, incluindo uma, em breve, no L'Harmattan. Esse congresso destacou a vitalidade efetiva das abordagens (auto)biográficas e histórias de vida na atualidade, mesmo que os temas abordem assuntos difíceis como a questão da emigração forçada. Obviamente, essa vitalidade se deve ao fato de que vidas humanas estão constantemente se movendo em direção a/ou em novos territórios. Além disso, como referi anteriormente, as mudanças sociais geram novos problemas pessoais e coletivos que tornam necessário perceber que nossas representações e nosso ponto de vista de observação se tornaram insatisfatórios, até obsoletos ou marcados historicamente. Com isso, quero dizer que pesquisadores e profissionais foram forçados a mudar a maneira de trabalhar em relação às mudanças significativas no orçamento e nas metas vigentes estabelecidas pelos governos. Como resultado, devemos experimentar temporalidades de transição e resultados transitórios incertos para as populações com as quais trabalhamos. Tudo isso implica manter-se alerta, monitorando a mobilidade e, portanto, a impermanência de nossos biótopos humanos. O mundo político continua nos surpreendendo com a agitação de políticos e/ou eleitores – quando existem – e nossas vidas individuais e coletivas tornaram-se mais imprevisíveis do que nunca.

Parece-me que as narrativas biográficas se converteram, em muitos casos, em salva-vidas que talvez nos permitam resistir às tempestades e turbulências que já estão se manifestando e aquelas que nos esperam a curto prazo, preservando, no mínimo, a autoestima

-
- 4 Aneta Slowik e seus colegas lideraram a reunião em maio de 2018 em Wrocław, Polônia, sobre o tema: Vitalidade das abordagens (auto) biográficas. Título de um dos trabalhos oriundos desta reunião sob Slowik, nas referências.

para imaginar soluções temporárias e um mínimo de solidariedade para encontrar formas viáveis de cooperação, na esperança de que possam se tornar focos de renovação social e política. Se, claro, a velocidade das mudanças climáticas e suas múltiplas consequências em nossos biótopos permitirem essa adaptação inevitável para, pelo menos, parte de nossa humanidade.

Nesse momento, é necessário distinguir as histórias valorizadas pelos profissionais que atuam em atividades sociais, de saúde, de recursos humanos e educação que são confrontadas com populações cujo cuidado é imposto por serviços governamentais ou oferecido por ONGs. As funções das histórias suscitadas ou patrocinadas são muito diferentes; por exemplo, a contribuição de Schmutzi (2019) nos desafia nesta questão de uma distinção a não ser negligenciada. As histórias despertadas pelos pesquisadores são mais distantes; o autor não é o sujeito que deseja ou escolhe um mergulho biográfico – ele concordou em participar de uma busca para a qual foi solicitado. Essa situação requer uma negociação mais ou menos longa dos métodos de produção de conhecimento de pesquisa e dos requisitos éticos que o pesquisador terá formulado. O pesquisador tentará explicar ao autor o valor agregado de sua participação, aproveitando suas experiências passadas e as de seus colegas. As histórias como uma prática que serve como “ponto de apoio” para um questionamento e uma busca por uma solução concreta, existencial e profissional, representam uma questão vital para o autor a quem o especialista consultado terá que esclarecer sua solicitação e esse mesmo especialista, na vida narrativa, terá necessidade de estabelecer com o autor as condições de uma viabilidade eticamente aceitável para ambos.

Pareceu-me necessário, neste ponto da passagem sinusoidal, questionar-me sobre

as funcionalidades dessas diferentes narrativas individuais ou coletivas relacionadas a uma migração territorial e cultural e/ou a uma transição pessoal para saber se essas histórias podem ser consideradas como recursos em sinergia e com base em um sistema de referência comum. Portanto, examinei as funções transversais do paradigma biográfico, além da diversidade de seus usos na multiplicidade de locais de pesquisa e prática.

Abordagens biográficas e “histórias de vida”⁵ parecem ter funcionalidades perenes relacionadas à singularidade e transformações sempre crescentes que afetam as fronteiras geopolíticas, nossas fronteiras mentais e as características dos territórios herdados, construídas ao longo da vida para nos preparar para recompor novas funcionalidades; isso pode ser expresso tanto no mundo do “virtual” quanto no mundo do “real”. Uma distinção insatisfatória porque me parece difícil argumentar que o denominado virtual não faz parte do “real aumentado”, pois falamos do corpo aumentado com todas as “próteses” biodigitais em desenvolvimento e, algumas, já utilizadas. Mas essa pequena controvérsia não alimenta diretamente meu argumento. Só precisava ser sinalizada como uma “floresta primária” de futuras pesquisas e práticas biográficas.

Deve-se acrescentar que o paradigma biográfico em ciências humanas despertou um interesse crescente ao longo dos anos, o que mostra sua relevância, o que nem sempre foi o caso. De fato, as práticas das histórias de vida e sua formatação múltipla ganharam valor no campo das Ciências Humanas tanto quanto as lutas individuais e coletivas, em razão de que era necessário criar esse novo território de reflexão reconhecido como exigindo novos métodos e suportes para o que chamamos de

5 Em Língua Francesa: "Les approches biographiques et les récits de vie ou « histoires de vie »...". Em língua Portuguesa essas expressões têm a mesma tradução, razão pela qual evitei a repetição. N.T.

“biográfico”. Em outras palavras, a vida é narrada com vários objetivos e de diferenciadas formas. Era necessário argumentar e demonstrar que nossas práticas e o “valor agregado” do conhecimento produzido tinham um lugar original e eficiente entre as biografias e autobiografias no campo literário, histórico ou jornalístico, por um lado, e, por outro, a psicanálise ou todas as formas de psicoterapia usando uma narrativa de experiências de vida, comuns ou excepcionais. Os novos riscos de vida de nossos contemporâneos, práticas e reflexões *biográficas* revelam sua natureza inesgotável como recursos para a compreensão da dinâmica individual e coletiva. A impermanência da vida na terra e no cosmos está em sinergia com a impermanência em nossas vidas. Em relação à terra, vemos o ciclo retroativo dos efeitos da vida humana em todas as suas formas, em seu biótopo e seu próprio soma. Outro cruzamento sinusoidal. Vamos agradecer a Morin⁶ por sua contribuição na complexidade de seus fascinantes volumes em “O método”, em especial “O conhecimento do conhecimento” (1986), particularmente interessante para a nossa abordagem biográfica.

Discuti, anteriormente, a questão da funcionalidade do paradigma biográfico em suas várias formas, suportes e objetivos da (s) narrativa (s). Parece-me importante mostrar a vitalidade sustentável do *biográfico*, por meio

6 Edgar Morin, com seus trabalhos sobre "o método", apresentando o pensamento complexo: A natureza da natureza, t. 1, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 1977, 414 p. (ISBN 9782020057714). Nova edição: 1981; A vida da vida, t. 2, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 1980, 482 p. (ISBN 9782020086486). Nova edição: O conhecimento do conhecimento, t. 3, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 1986, 255 p. (ISBN 9782020144407). Nova edição: 1992..1991: As Idéias: Seu habitat, sua vida, suas maneiras, sua organização, t. 4, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 1991, 267 p. (ISBN 9782020239608). Nova edição: 1995..2001: Humanidade da humanidade: Identidade humana, t. 5, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 2003 (ISBN 9782020616447). Nova edição: 2003.2004: Ética, t. 6, Paris, Le Seuil, coll. "Points", 2004, 285 p. (ISBN 9782757801833). Em 2008, publica-se uma caixa em dois volumes contendo os seis volumes, na coleção Opus, Editions du Seuil (ISBN 9782020968720), 2500 p.

de uma alusão a esse recurso que surgiu e se desenvolveu desde a década de 1980, nos campos das áreas social, educação, saúde, recursos humanos e ciências sociais e criações artísticas socialmente engajadas. Ao ler muitas das publicações que fiz nos últimos 40 anos, identifiquei algumas constantes funcionais excelentes que atestam uma unidade na diversidade que apresentarei e explicarei, a seguir.

O reconhecimento da aprendizagem experiencial foi certamente um dos primeiros constructos e pode-se perceber que essa continua sendo uma abordagem renovada na medida em que emigrantes ou imigrantes devem ser identificáveis em seu know-how e conhecimento ao pensar em integrar-se à sociedade anfitriã ou a um novo local de trabalho. Esse reconhecimento da aprendizagem anterior tem precedência sobre os currículos tradicionais que mostram apenas títulos de formação e experiência profissional sem informar o leitor sobre habilidades técnicas e sociais. Desde que a instabilidade do emprego se tornou correlativa com a realocação de empresas face à evolução das tecnologias de produção, surgiu a questão sobre quais habilidades poderiam ser transferidas para um novo emprego ou para serem usadas na busca de um novo emprego. Mas não se deve esquecer que o retorno das mulheres ao mercado de trabalho, por desejarem libertar-se do modelo tradicional da esposa “do lar” e do homem provedor, também incentiva o desenvolvimento de habilidades induzidas pelo mercado de trabalho: todas as atividades de uma esposa, mãe e mulher, certamente “do lar”, mas cujas atividades excederam os muros! Por exemplo, sua responsabilidade de conectar a família à vida social sem a qual esta não poderia sobreviver. O reconhecimento do aprendizado experiencial oportunizou breves lembranças

7 Em Francês: ao pé da letra: “de la femme à la maison” - da mulher em casa. Grifo meu. N.T.

sobre duas guerras cruéis que exigiram que homens e mulheres transferissem habilidades e desenvolvessem novas a partir de conquistas anteriores. Também deve ser mencionada a abertura de universidades e suas faculdades de Ciências da Educação com base na aprendizagem experiencial de mulheres que desejam retomar os estudos com um objetivo profissional quando seus filhos não precisam mais de uma presença constante e exclusiva. Essa era toda a questão das “equivalências” entre conhecimento experiencial e conhecimento acadêmico, difícil de categorizar e que requer uma abordagem personalizada. Provavelmente, fomos pioneiros nessa prática seletiva em nossa Faculdade de Ciências da Educação, de Genebra, desde os anos 70. Portanto, não me parece exagero dizer que o conceito de experiência de vida é provavelmente o conceito fundador do nosso paradigma, mas verificaremos essa afirmação se reservarmos algum tempo para fazer uma distinção entre as experiências que marcam nossos dias e nossas noites – que são esquecidas ou permanecem lembranças mais ou menos precisas – e a experiência como um ou mais aprendizados realizados mediante uma experiência específica para a pessoa ou uma sequência interativa de experiências.

No campo da educação e da formação, a construção de um olhar renovado de si mediante práticas de alteridade tem sido e continua sendo uma abordagem decisiva para evidenciar a epistemologia dos sujeitos para que o próprio caminho de formação seja realizado com plena consciência da própria escolha e dos desafios para eles no presente e no futuro. Essa prática acadêmica, ou seja, integrada ao currículo da educação em Ciências da Educação, em várias universidades, foi a origem da criação da ASIHVIF (Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação). Essa prática foi implementada de várias formas com uma metodologia específica para cada equipe

de pesquisa e formação. Sejam claros: os seminários oferecidos nos cursos universitários sempre tiveram a dupla dimensão da formação em pesquisa para estudantes e professores de pesquisa. De fato, foi com base em nosso trabalho durante os seminários que conseguimos conceituar certos aspectos das narrativas de formação. Cada pesquisador/professor considerou as contribuições de seu seminário de acordo com seus interesses teóricos e seus repositórios pessoais. A dimensão da pesquisa para os alunos enfocou várias questões: que memórias emergem? Quais experiências você escolheu? O que dizer em termos de aprendizado e formação de um eu em processo de individualização? Como construir a história? Como ecoar as histórias das outras histórias do grupo? Assim, essa prática universitária sempre foi caracterizada pela alteridade que funciona como reveladora de diferenças e semelhanças e, muitas vezes, auxilia a perceber mais facilmente a noção de representação e o ponto de vista dos fundamentos de nossas epistemologias singulares.

Essa prática foi adaptada para ser exportada para além dos muros da universidade em vários contextos profissionais. É por isso que, muitas vezes, enfatizei a diferença entre “a história de vida” que abraça a temporalidade de uma vida e “a história de vida”⁸, que é tematizada para explorar um problema específico, geralmente em vínculo com o itinerário profissional, mas também com temas existenciais como as questões de vida das mulheres. Essa distinção foi útil para mostrar que diferentes práticas de narração poderiam encontrar lugar no âmbito do paradigma *biográfico* em ciências humanas. Além disso, os sociólogos, depois de terem desacreditado a “ilusão biográfica”, após Bourdieu (1996) – à qual ele

8 Aqui, novamente: “C’est pourquoi j’ai souvent mis l’accent sur la différence entre « l’histoire de vie » qui embrasse la temporalité d’une vie et « le récit de vie » ...”. N.T.

retornou com sua própria autobiografia, chamada “autoanalysis” (2005) –, rapidamente entenderam a mina de ouro representada pelas histórias. Exceto [aceitarem] que essa é uma prática de investigação em que o sujeito singular desaparece em benefício do indivíduo social. O que, para mim, levanta um “pequeno” problema de ética ... porque há uma grande diferença entre usar diretamente a história ou fragmentos e conceituações a respeito de trabalho a partir do entendimento sobre o trabalho feito no âmbito de um grupo ou pessoa sem usar narrações. O sociólogo italiano que tive a chance de ter no meu júri de tese foi muito crítico do risco de uma prática “predadora”, [o que pode ser evitado] se o pesquisador desejar, obviamente, que o narrador recupere poder sobre sua vida, estabelecendo-se como “sujeito de sua própria pesquisa” e não como “objeto mais ou menos ativo” em uma pesquisa cujas apostas em conhecimento lhe serão comunicadas mais tarde. Parece-me poder afirmar, neste momento, que nossos seminários universitários e nossas oficinas em outros contextos fundamentaram-se totalmente no conceito de experiência, tanto quanto ao método de pesquisa-formação quanto ao trabalho de transformar vivências que se tornaram experiências mediante aprendizado e formação das várias identidades que aparecem e coabitam na narrativa.

A experiência, volto a enfatizar, é forjada e construída no lugar da interseção das curvas sinusoidais entre a singularidade de cada percurso e a alteridade emergente de todos os cursos compartilhados. E, quando se trata de um par, a interlocução também deve estar presente na forma de um eco pessoal do especialista em elementos de auto-interpretação do narrador. Tive a ocasião e a oportunidade de atender a dois pedidos de trabalho em pares e haveria muito a desenvolver sobre essa forma de escuta, interlocução e alteridade que per-

mite que o outro se surpreenda e mude sua visão sobre certos aspectos de sua vida. Em um caso, tratava-se de uma pessoa iniciando uma aposentadoria antecipada e, no outro outro, um sobrevivente do campo de Auschwitz e da “Shoah”, em sentido amplo. Para ambos, como para mim, foi uma experiência formativa com todas as inovações metodológicas que surgiram durante esses dois processos, desde a negociação das condições de viabilidade até a escrita, o trabalho reflexivo sobre esse processo, além do trabalho realizado.

A formação de formadores, pesquisadores, colecionadores e contadores de histórias iniciou naturalmente. Houve inúmeras iniciativas acadêmicas internacionais ou iniciativas de formação vocacional continuadas que introduziram na formação de professores e na educação de adultos um ensino explicitamente focado em história de vida a fim de preparar esses professores e seus formadores para usar, em seu contexto específico, uma abordagem biográfica. Devemos mencionar as muitas universidades brasileiras que realizam esse projeto. Os serviços de educação continuada da universidade também oferecem essa formação. O que deve ser enfatizado nessas iniciativas e realizações é que os formadores devem trabalhar a própria narrativa e, assim, adquirir uma experiência de primeiro nível em regras a serem respeitadas se oferecer um seminário ou oficina que use a narrativa apenas na maneira de abordar o ensino de qualquer disciplina por entrada biográfica. Ao fazê-lo, podemos dizer que o paradigma biográfico oferece uma nova perspectiva pedagógica que concebe a aprendizagem mediante a qual os alunos sabem, ou acreditam saber, sobre os tópicos das disciplinas em questão. Mas esses cursos de formação em prática narrativa são particularmente importantes em virtude das dificuldades de construir uma história, das restrições inerentes e do modo de análise que não pode

ser aprendido teoricamente. É essencial ter-se feito a própria história em uma situação de alteridade para ter-se experiência real. Nem todos os pioneiros fizeram esse trabalho – não vou mencionar alguém aqui –, mas os que não o fizeram usam histórias de vida mais para reflexões sociopolíticas, psicossociais e até psicanalíticas. Podemos identificá-los facilmente. Penso que precisamos ser claros a esse aspecto. Para mim, há uma diferença fundamental entre escrever/falar **sobre** histórias de vida e formar e escrever/falar **do** trabalho realizado **com** autores e contadores de histórias. No primeiro caso, temos acesso a um conhecimento mais íntimo de um grupo, como imigrantes, ou a relação com a doença, ou a relação com mudanças profissionais ou práticas tradicionais de democracia ou, ainda, com experiências de mulheres que são abusadas no relacionamento ou subestimadas na atividade profissional, etc. No segundo caso, há uma construção gradual e coletiva do conhecimento produzido especificamente pela compreensão da dinâmica da vida e, portanto, da formação e da aprendizagem. Essas dinâmicas dão acesso à conscientização feita ao longo do processo e destacam uma ideia que é comum, mas insuficientemente levada em consideração no design de qualquer programa de formação: o formador e/ou o professor são apenas recursos para a aprendizagem. Professores e instrutores informam que são os alunos que se formam e assumem a responsabilidade dessa formação com uma qualidade de acompanhamento que se torna uma das principais qualidades daqueles que têm poder na sala de aula, seminário, curso, oficina, etc. Em outras palavras, esses lugares e tempos de formação e vários aprendizados têm um impacto no aluno em termos de formação pessoal e de sua personalidade social somente se houver experiência transformadora, que tenha um valor agregado não apenas em termos de conhecimento da

disciplina em si mesma, mas igualmente em termos de novas perspectivas, pontos de vista sobre si/seu ambiente imediato ou em escala terrestre – não vivemos nós **na e da** globalização? Não afirmo que o paradigma biográfico resolva todos os problemas, mas é uma contribuição relevante e significativa para ter uma atitude ativa na vida da comunidade que leva em consideração as interdependências. Os gritos escandalizados dos nacionalistas contra a evidência de que a Terra é um bem comum e um complexo sistema de interdependências (a Amazônia é nossa! Os territórios do Ártico ou da Antártida são nossos! Quero comprar o Groenlândia e em breve a Lua ou Marte serão minhas, etc.), tão perigosos e ingênuos quanto nos parecem, não mudam o fato de que, por exemplo, os oceanos, florestas, rios, alimentos ou produção industrial, a fauna e flora, taxas de natalidade e morte, ou a busca por armas nucleares, etc., têm repercussões mais ou menos “visíveis” e negativas em cada um de nós pelo simples “efeito dominó”. Somos numerosos em demasia para aceitar as doenças que proliferam por causa da fome, miséria, pobreza endêmica em todo o mundo e trocas por todo o planeta, por via aérea ou marítima, sem mencionar o turismo de massa, razão pela qual os países ocidentais também estão preocupados com todos esses distúrbios e efeitos do empobrecimento em grande número. Mudanças de curto prazo são inevitáveis porque já estamos no colapso de nossa humanidade nesta Terra. Vamos resumir esse recurso específico simplesmente enfatizando a importância de que educadores e professores adquiram experiência real com a narrativa de vida em formação, possibilitada apenas se eles a experimentarem com verdadeira grandeza e alteridade. Uma prática narrativa, qualquer que seja a forma, oferece uma possibilidade de experiência de autoconsciência, nosso alter ego e nossas responsabilidades, como propriedá-

rios de terras envolvidos no que já existe e no futuro próximo.

O paradigma biográfico em ciências humanas se espalhou gradualmente em nossas sociedades ocidentais, na América Latina e até no Japão em várias práticas profissionais e/ou sociais. Essas práticas às vezes, são realizadas por pessoas que seguiram a formação oferecida em nossa vasta rede, cujos contornos agora são difíceis de definir precisamente porque vão além das universidades e associações nacionais e locais. Essa extensão possibilitou levar em conta a importância de considerar a pessoa como um todo e respeitar sua integridade. Nosso paradigma se desenvolveu no campo da saúde, primeiro entre enfermeiros e auxiliares de enfermagem, bem como no serviço social sob todas as ofertas de acompanhamento; em particular, práticas não-governamentais ou algumas iniciativas municipais relativas a migrantes e/ou populações que apresentam problemas de paz ou de coabitação civil. Penso, por exemplo, em ações relativas a jovens muçulmanos radicados e na recepção de imigrantes. Essa integração do biográfico na abordagem das populações em situação de transição permite abandonar os rótulos legais, médicos e administrativos dos indivíduos em questão para abordar a pessoa em conexão com a singularidade de sua problemática. Para concluir sobre esse recurso da formação de formadores profissionais, espero que mais formação no campo da educação continuada possa se desenvolver porque as necessidades de uma formação séria crescerão à medida que tentarei evidenciá-las.

Outra característica importante é o trabalho com a memória que afeta os eventos individuais e familiares como o desejo de transmissão intergeracional, tanto quanto o testemunho, certamente individual, mas parte de um evento vivido coletivamente como a guerra, o terrorismo, a perseguição de co-

munidades religiosas ou étnicas. O testemunho encorajado ou escolhido para a história exemplar de uma história de vida narrada é uma ferramenta que pode ser extremamente interessante e poderosa para preservar a dignidade das pessoas e ajudá-las a recuperar suas vidas (GOMEZ, 2017; 2012a; 2012b). É certo que já existem ações nessa perspectiva, mas parece-me que estamos apenas no começo. De fato, vivemos um período de cerca de vinte anos durante os quais os fenômenos da migração continuaram a aumentar. Em 19 de junho de 2019, o jornal *La Croix*⁹, relatando os números do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (HCR), noticiou 70,8 milhões de refugiados e deslocados. No mesmo periódico, uma vez que as estatísticas as tornaram possíveis, encontramos a imagem impressionante de um bilhão de pessoas que tiveram que deixar seu local de origem, por diversas causas. Sabemos que esses fenômenos migratórios têm várias origens: refugiados de zonas de guerra ou perseguições, refugiados por situação econômica para escapar à pobreza em seu país de origem, refugiados forçados pelas mudanças climáticas e aumento do nível do mar. Quanto a este último, o relatório do GIEC, apresentado pela TV francesa, prevê 280 milhões de refugiados¹⁰. Com base nessas observações de instituições internacionais ou grupos de pesquisa amplamente reconhecidos pela grande maioria dos países, podemos dizer que abordagens biográficas dos vários fe-

9 <https://www.la-croix.com/Monde/708-millions-personnes-fuient-guerres-persecutions-2019-06-19-1201030006>, é cerca de 70,8 milhões e não 708 milhões - problema de escrita em computador ...

10 Se nada for feito, é o que prevê (280 milhões) o novo relatório especial do Painel Intergovernamental sobre a evolução do clima (IPCC), sobre os oceanos e a criosfera - blocos de gelo, geleiras, calotas polares solos polares permanentemente congelados - apresentado oficialmente em 25 de setembro, em Mônaco. Fonte: <https://france3-regions.francetvinfo.fr/hauts-de-france/nord-pas-calais/climat-montee-eaux-280-millions-recrutes-climatiques-prevoir-dont-450-000-region-1715695.html> de 30 de agosto de 2019.

nômenos migratórios terão que estar envolvidas no acompanhamento dessas populações. Percebo dois eixos principais neste acompanhamento: os testemunhos de “saída” (no sentido figurado do termo) e os testemunhos “orientados para uma segunda vida” (FRANÇOIS, 2017)¹¹. As duas abordagens não são exclusivas e os jornalistas de campo, bem como algumas autobiografias literárias, desempenham um significativo papel nos depoimentos. Já no movimento internacional de histórias de vida em pesquisa, formação e práticas sociais, visualizamos um trabalho com migrantes como o de Leray (2019), por exemplo.

Voltemos à distinção entre as duas abordagens da função de testemunho. Os depoimentos fornecem aos migrantes uma narrativa do que os forçou a deixar seu país, às vezes correndo o risco de suas vidas; enquanto os africanos cruzavam o Mar Mediterrâneo para tentar sobreviver à miséria, os venezuelanos para escapar da escassez, os sírios que fugiram tanto da repressão de seu governo quanto das perseguições e assassinatos de Daesh ou fogem da perseguição como os Rohingya, por exemplo. A narrativa é frequentemente um grito de desesperança ao exigir consideração da comunidade internacional cujos estados praticam protecionismo com mais frequência do que recepção, integração e distribuição de riqueza. Essa é a contradição entre o projeto de globalização mercantil e os medos nacionalistas que abrem ou fecham fronteiras de acordo com interesses nacionais momentâneos¹². Uma história da tragédia e perguntas sobre o destino desses migrantes rejeitados. Muitas vezes, são organizações não-governamentais de voluntários que os escutam e tentam ajudá-los a sobreviver e ganhar um caminho para a le-

galização de sua estadia. Espero que as novas gerações do nosso movimento de abordagens biográficas encontrem maneiras de se envolver no acompanhamento de seus migrantes desesperançosos.

Quanto aos “testemunhos sobre uma segunda vida”, eles certamente contam com a vida que os autores deixaram, seus antigos recursos pessoais e sociais, as perdas, as dificuldades encontradas durante a jornada migratória e desde sua chegada, mas, principalmente, sobre o que eles planejam para o futuro, imediato e de longo prazo, para si e para seus filhos. Já existem muitas associações que ajudam, de diferentes maneiras, essas pessoas para facilitar sua integração na sociedade anfitriã. Parece-me desejável, mais uma vez, que os membros de nosso movimento estejam profundamente envolvidos nessa modalidade de trabalho social e sócio-político, fazendo ofertas acessíveis ao maior número de pessoas e propondo-as às estruturas governamentais que serão gradualmente implementadas, como pode ser visto no Canadá, por exemplo. De fato, um grande desafio está à nossa porta em todos os países envolvidos: o de uma taxa de migração que crescerá e se acelerará como a única possibilidade para as populações afetadas pela pobreza em todas as áreas de necessidades básicas, em virtude de guerras, ditaduras, terrorismo, máfia e, especialmente, das mudanças climáticas que ampliarão a desertificação e, portanto, o fim dos poucos recursos ainda existentes. Acredito que nossos jovens atuais e aqueles que os seguirão terão que estar prontos para esses chamados compromissos humanitários, os quais estão se tornando cada vez mais raros. Será necessário encontrar uma maneira de conviver com nossas diferenças culturais. Nossas abordagens biográficas me parecem um recurso importante para acompanhar essas divisões culturais e ajudar o surgimento de novas culturas

11 Termo emprestado de um título do filósofo Julien François (2017): *Uma Segunda Vida*.

12 Tiramos o chapéu para a senhora Merkel, chanceler da RDA, mesmo que ela tenha pago um preço muito alto por sua generosidade em acolher, sem limites, imigrantes do Mediterrâneo.

em uma nova civilização que é inventada com tantas dificuldades diante de nossos olhos, segundo o texto de Gomez (2012a) apresentado no mais importante encontro brasileiro sobre (Auto)biografias¹³. Sou habitada por essa ideia de que o movimento de abordagens biográficas nos campos de formação, preparo de formadores ou animadores e nas práticas sociais tem uma responsabilidade nesse processo de um melhor conhecimento um do outro (migrantes e “nativos”) e o processo de escolha de acomodações razoáveis, como os canadenses mais uma vez experimentam, não sem dificuldades, evidentemente (GOMEZ, 2012b; 2017). Certamente, os locais tradicionais de pesquisa têm uma responsabilidade particular de continuar a defender e disseminar o paradigma biográfico nas ciências humanas. Só estou me perguntando se nós acadêmicos ou instituições de pesquisa correremos riscos suficientes para garantir e ampliar essa difusão. Para concluir sobre este ponto, gostaria de ampliar o uso potencial desses testemunhos para “uma segunda vida”, fazendo referência à questão de gênero. O capítulo de Souza (2019) mostra a riqueza e a ousadia de nossas abordagens em benefício de pessoas estigmatizadas por ideologias religiosas ou não religiosas que fabricam séria intolerância à diferença e, assim, ferem violentamente em [sua] humanidade nossos irmãos e irmãs.

Uma versão final do depoimento é compartilhada pela África Subsaariana, traduzida e transmitida por nosso colega professor Kabu-

ta (2010)¹⁴ e apresentada na Universidade de Quebec, Rimouski, por minha colega e amiga professora Jeanne-Marie Rugira: a Kasàlà. Essa é uma prática poética de louvor a terceiros ou a si próprio, de origem oral, hoje escrita, praticada em grupo com autenticidade e humor, cujo efeito essencial é o reconhecimento da pessoa em toda a sua singularidade e lugar na comunidade. Essa é uma forma de narrativa de vida, mas em uma concepção completamente diferente da nossa concepção ocidental do outro ou de nós mesmos como uma pessoa extraordinária, por uma razão ou outra (as famosas homilias são um exemplo). Aqui, pelo contrário, trata-se de um desconhecido, sem outro título de nobreza ou glória que não o de pertencer à raça humana. Não desejando trair, de algum modo, essa prática de uma espiritualidade muito elevada, apelo à minha colega Jeanne-Marie Rugira para que a apresente da seguinte forma:

Vamos tentar imaginar o efeito de um Kasàlà escrito e lido em um grupo de recepção na Europa de parte de um homem ou uma mulher que acabou de cruzar o Mediterrâneo em um barco deteriorado, depois de chegar à Líbia e fugir de um dos campos que tentava conter a emigração para a Europa e, supostamente, foi resgatado por um daqueles barcos de ONGs que vieram em seu auxílio. Este Kasàlà falando sobre os grandes feitos de sua vida na África em sua comunidade que o envia à Europa para encontrar trabalho e, assim, sustentar sua família numerosa é quem cantaria a coragem que ele teve que mobilizar para passar por todas as suas provações (apud, KABUTA, 2010, s. p.).

Aqui chegamos ao final da minha apresentação sobre diferentes funcionalidades das histórias de vida, sejam elas narrações temáticas da vida ou temáticas de transições durante a vida ou migração, se é que essa distinção realmente faz sentido. Porque não pode haver

13 Louis Gomez no V CIPA em Porto Alegre (RGS), no Brasil: Segundo uma reinterpretação do mito de Narciso, o autor faz uma exploração narrativa em torno da abordagem autobiográfica, o fato Métis, a escrita performativa e as implicações em pesquisa da escrita autobiográfica em primeira pessoa. Com base na leitura da cultura como contexto de uma produção autobiográfica e nas identidades culturais de Métis como espaço de transumância, o autor propõe que uma escrita autobiográfica, longe de ser um local de distância ou objetificação, requer um mergulho interpretativo e abrangente nos abismos sombrios da subjetividade do ser.

14 <http://www.kasala.be> site que apresenta brevemente a prática de Kasàlà e uma excelente bibliografia. Outro site: <https://www.acfas.ca/user/48293>.

migração que não imponha uma transição pessoal. Assim como as transições pessoais levam mais frequentemente a uma “migração” para novos “territórios”, veja o capítulo de Lathoud (2019) citado nas referências.

Espero ter conseguido mostrar o enorme potencial dessas práticas de pesquisa, formação e práticas sociais. E, em particular, ter destacado o papel principal que o paradigma biográfico poderia, se não deveria, desempenhar nos próximos anos para acompanhar as gigantes turbulências em nossa biosfera de que a humanidade já começou a viver e que continua amplificar exponencialmente, [perceptíveis] se acompanharmos de perto o trabalho de nossos especialistas nesses assuntos. E não esqueçamos de acrescentar este (auto)biográfico que está escrito em toda parte na “web” (WEB), que continua sendo um enorme campo de pesquisa e que também pode desempenhar um papel muito promissor nas práticas de histórias de vida, em formas que ainda precisam ser inventadas. Boa sorte com o paradigma biográfico e com aqueles que são seus pesquisadores ou atores praticantes!

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; VILLAS BÔAS, Lúcia. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018a. p. 25- 49.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do Paradigma Tecnicista à Aventura (Auto)biográfica – Narrativa de uma Pesquisadora em Educação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Nova Aventura (Auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018b. p. 393-340.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta atenta, compreensões cênica. O studium e o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs.). **Pesquisa (Auto)biográfica, Fontes e Questões**. Curitiba: CRV, 2014. p.57-77.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto) biográfica - tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A Aventura (Auto) Biográfica** - Teoria e Empíria. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004. p. 201-224.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.
- CATANI, Denice Barbara. Ficções teóricas e ficções (auto)biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciência e formação no campo educacional. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs.). **Pesquisa (Auto)biográfica, Fontes e Questões**. Curitiba: CRV, 2014. p.27-37.
- CATANI Denice Barbara. A autobiografia como saber e a educação como invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. ediPUCRS, 2006. p.77-88.
- CATANI, Denice Barbara; VICENTINI, Paula: Lugares sociais e inserção profissional: o magistério como modo de vida nas autobiografias de professores. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (Auto) Biográfica** - Teoria e Empíria. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004. p. 267- 291.
- FRANÇOIS, Julien François. **Une Seconde Vie**, Paris: Grasset, 2017.
- GOMEZ, Luis. A mestiçagem entre o enraizamento e a transmigração: pensar a narrativa autobiográfica como espaço de encontro. In: SOUZA, Elizeu Clementino; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza (Orgs.). **Memória, Dimensões Sócio-históricas e Trajetórias de Vida**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012. p. 173-192.

GOMEZ, Luis. L'écriture performative ou la génétique d'un rapport à l'écriture en recherche à la première personne. In: GALVANI, Pascal. et alii (Orgs.). **Recueil de textes méthodologiques de la maîtrise en études des pratiques psychosociales**. Québec à Rimouski: Université du Québec. Comité des programmes d'études supérieures en psychosociologie. 2012. p. 101-113.

GOMEZ, Luis. Un ailleurs autobiographique pour écrire la vie. In: GOMEZ, Luis et alii (Orgs.). **La Vie au cœur des histoires de vie**. Québec: Les éditions Ibuntu, 2017. p. 123-145.

JOSSO, Marie-Christine. Les récits de vie et de formation sont-ils une ressource inépuisable? Postface in: SLOWIK, Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). **Approches (auto)biographiques et nouvelles épreuves de transitions**. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 255 -258.

JOSSO, Marie-Christine. A metanoia: um processo biográfico de mudança de paradigma in: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et alii (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica** -Tomo III. ediPUCRS, Porto Alegre: 2017. p. 319-354.

JOSSO, Marie-Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica** -Tomo I. Porto Alegre: ediPUCRS, 2016. p. 59-89.

JOSSO, Marie-Christine. Proceso autobiográfico de (trans)formación identitaria y de conocimiento de sí. **Revista Mexicana de investigación educativa, Autobiografía y educación**: tradiciones, diálogos y metodologías. Mexico, Número 62, p. 104-120, Volumen XIX, sept 2014. <http://www.comie.org.mx/v1/revista/portal.php?idm=es&sec=SC01>.

JOSSO, Marie-Christine. Fecundação mútua de metodologias e de saberes em pesquisa-formação experiencial. Observações fenomenológicas de figuras do acompanhamento e novas conceituações. In: PASSEGGI, Maria Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Dimensões epistemológi-**

cas e metodologias da pesquisa (auto) biográfica - Tomo II. Porto Alegre/Natal/Salvador: ediPUCRS/EDUFRN/EDUNEB - coleção Pesquisa (auto) biográfica: temas transversais, 2012. p. 113-146.

JOSSO, Marie-Christine. Il corpo biografico. Corpo parlato, corpo parlante. In: ANGELI, Franco (Org.). **Ma di che corpo parliamo, i saperi incorporati nell'educazione e nella cura, a cura de Ivano Gamelli**. Collezione i territori dell'educazione, Milano: 2012. p. 135 -145.

JOSSO, Marie-Christine. **Expériences de vie et formation**, Préface de Gaston Pineau, Paris: Ed. L'Harmattan, 2011a.

JOSSO, Marie-Christine. Praxis biográficas y saberes antropológicos: buscando puntos de apoyos favorecedores de una `evolutividad` singular-plural. **Revista Cuestiones Pedagógicas**, Univ. de Sevilla, Fac. de Filosofía y Ciencias de la Educación, nº 20, p. 55-68, 2011b.

JOSSO, Marie-Christine. As narrações do corpo nos relatos de vida e suas articulações com os vários níveis de profundidade do cuidar de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2010a. p. 171-192. Serie: Artes de viver, conhecer e formar.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010b.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 3ª ed., São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN. 2010c.

JOSSO, Marie-Christine. A interculturalidade em questão. In: LECHNER, Elsa (Org). **Histórias de vida: olhares interdisciplinares**. Porto: Edições Afrontamento, 2009a. p. 25-47.

JOSSO, Marie-Christine. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica com suporte de conscientização das fições verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, Lúcia; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luis. (Orgs). **Essas coisas do imaginário...**diferentes abordagens sobre

narrativas autoformadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber livro, 2009b. p 118 – 146.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, Maria Conceição (Org). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. São Paulo: Editora Paulus, 2008a. p. 23-50.

JOSSO, Marie-Christine. A realização do ser humano como processo de transformação da consciência - ensinar, acompanhar e aprender: um mesmo desafio para uma vida em ligação. In: TRAVERSINI, Clarice et alii (Orgs). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas**. Porto Alegre: ediIPUCRS, 2008b. p. 17-58.

JOSSO, Marie-Christine. As instâncias da expressão do biográfico singular plural. Junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico. Prefácio. **O sujeito sensível e renovação do eu**. São Paulo: Editora Paulus/Centro Universitário São Camilo, 2008c. p. 13-40.

JOSSO, Marie-Christine. A formação na perspectiva biográfica como processo de construção do sujeito e de suas identidades. In: BOIS, Danis; HUMPICH, Marc; JOSSO, Marie-Christine (Orgs). **O sujeito na educação e Saúde, desafios na contemporaneidade**. São Paulo: Edições Loyola/ Centro Universitário São Camilo, 2007. p. 105-129.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2006. p. 21-40.

KABUTA, Jean. **De la connaissance à l'éveil de soi**. Bruxelles/Bern: Peter-Lang. PIE, 2010.

LATHOUD, Ingrid. La migration comme processus de transformation et de construction de soi. In: SLOWIK, Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). **Approches (auto)biographiques**

et nouvelles épreuves de transitions. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 119 -132.

LERAY, Christian; HAMEY-WAROU. O crisol intercultural das histórias de vida dos migrantes. Estudos biográficos de Znaniecki e Thomas para narrativas migrantes em torno de palavreado. In: SLOWIK, Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). **Approches (auto)biographiques et nouvelles épreuves de transitions**. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 159-170.

MORIN, Edgar. *Connaissance de la connaissance*. Paris: Le Seuil, coll. "Points", 1986

PASSEGGI, Maria da Conceição. De la "ilusión" a la "conversión" biográfica: un debate sobre el trayecto de Pierre Bourdieu com las Historias de Vida. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio (Orgs.). **La Investigación (Auto)Biográfica en Educación: miradas entre Brasil y España**. Porto Alegre/Granada: ediPUCRS/Editorial Universidad de Granada, 2014. p. 226-242.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. São Paulo/Natal: Paulus/EDUFRRN, 2008a. p. 27-42.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. São Paulo/Natal: Paulus/EDUFRRN, 2008b. p. 43-59.

PERES, Lúcia Maria Vaz; ASSUNÇÃO, Alexandre Vergí- nio. A narrativa de si como mestra do autoconhecimento: leituras a partir do imaginário. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **(Auto)biografia e formação humana. São Paulo/Natal: PAULUS/EDUFRRN**, 2010. p. 139-158.

SANCHES, Roberto. O saber da narração: Paul Ricoeur e Marie-Christine Josso. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **(Auto)biografia e formação humana. São Paulo/Natal: PAULUS/EDUFRRN**, 2010. p. 109-119.

SCHMUTZ, Catherine. 100 ans après le paysan polonais, comment compte-t-on la migration? In: Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Approches (auto)biographiques et nouvel essai de transitions vitales: ascensions sans précédent pour la vie**. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 39-57.

SLOWIK Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino. **Approches (auto)biographiques et nouvelles épreuves de transitions**. Paris: L'Harmattan, 2019.

SOUZA, Cynthia Pereira. A perspectiva do gênero nos estudos sobre narrativas autobiográficas. In: PASSEGGI, Maria Conceição (Org), **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. PAULUS/EDUFERN, 2008. p. 317-334.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Maladie chronique et apprentissages biographiques: modes de vie, de résistance et pouvoir d'agir. In: SLOWIK Aneta; RYWALSKI, Patrick; SOUZA, Elizeu Clementino. **Approches (auto)biographiques et nouvelles épreuves de transitions**. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 159-170.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Autobiografia como acontecimento: vida, pesquisa e formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et alii (Orgs.). **A nova aventura (auto)biográfica** - Tomo III,

ediPUCRS, Porto Alegre. 2018. p. 107-139.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2006. p. 135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A Aventura (Auto) Biográfica** - Teoria e Empiria. Porto Alegre: ediPUCRS, 2004. p. 387-417.

VINCENTINI, Paula Perin; GALLEGO Rita de Cássia. Narrativas de professoras, vozes esquecidas e uma escuta sensível: os dilemas da profissão frente aos novos tempos de ensinar e aprender. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto et alii (Org.). **A nova aventura (auto)biográfica** - Tomo III, EdiPUCRS, Porto Alegre. 2018. p. 355-383.

Recebido em: 30.09.2019

Aprovado em: 20.01.2020

Marie-Christine Josso é socióloga e antropóloga, professora de doutorado na Universidade de Genebra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Genebra. Desenvolve atividades de pesquisadora com abordagem em experiência formativa, mediante pesquisa-formação, em especial no domínio do sensível em narrativas formadoras, tendo em vista diferentes dimensões, dentre as quais as psicossomáticas, sociais e culturais. Como ponto mais elevado da epistemologia que vem construindo, destaca-se o Paradigma da Existencialidade Singular Plural Evolutiva. Tem livros publicados em diversos países e rica bibliografia publicada no Brasil. E-mail: Marie-Christine.Josso@unige.ch